

“Sonhamos com o nosso sangue sendo respeitado”: educação menstrual em contexto de extensão universitária junto com adolescentes

Clarissa Reche Nunes da Costa

Doutora em Ciências Sociais/Universidade Estadual de Campinas

<https://orcid.org/0000-0002-5778-1122>

clari.reche@gmail.com

Daniela Tonelli Manica

Doutora em Antropologia/Universidade Estadual de Campinas

<https://orcid.org/0000-0001-8014-9996>

dtmanica@unicamp.br

Naedja Cristiane Vieira Costa

Doutoranda em Ciências Sociais/Universidade Estadual de Campinas

<https://orcid.org/0000-0003-3409-2786>

naedjavieira1@gmail.com

Introdução

“O seu discurso não me convence mais,

A consciência tomou lugar em mim

E expulsou a alienação que me cegava.

Eu não preciso protegê-los do meu sangue,

Preciso me proteger desse silêncio.”

Trecho da áudio-colagem “Eu não preciso protegê-los do meu sangue”,

feita em colaboração por Clarissa Reche, Luna Beatriz,

Rayssa Baptista Parros e Thaís Bezerra Novais.

A menstruação é um tema cotidiano, presente na vida de muitas pessoas ao nosso redor. No entanto, o conhecimento científico sobre o assunto foi, até recentemente, majoritariamente produzido sob uma perspectiva masculina e misógina, distanciada das experiências reais de quem menstrua. A literatura tradicional sobre menstruação frequentemente a associa com sentimentos de raiva, nojo, poluição e indignidade, limitando a expressão e participação social das mulheres (Joaquim, 1997). Essa visão, marcada por projeções de controle masculino, branco e ocidental, negligencia as vozes e vivências de quem menstrua, gerando lacunas significativas no entendimento do tema. Duas grandes ausências se destacam: 1) a falta de produção de conhecimento por pessoas que menstruam em sua diversidade, resultando em negligência em áreas como saúde, educação, desenvolvimento e jurisprudência; e 2) a exclusão das experiências, sentimentos e saberes cotidianos de pessoas em diferentes fases da vida menstrual, desde meninas na menarca até mulheres na menopausa.

Grandes instituições, como a UNICEF, têm abordado a menstruação como um pilar para a equidade de gênero, promovendo a “dignidade menstrual” por meio do acesso a informações e produtos de higiene. No entanto, a menstruação ainda é tratada principalmente sob uma perspectiva biológica e médica, ignorando fatores socioeconômicos e culturais (Manica, 2004). Propusemos ampliar esse debate, integrando conhecimentos biomédicos e antropológicos, incluindo as vivências de pessoas que menstruam em contextos urbanos e tradicionais, como populações indígenas e afrobrasileiras. Essa abordagem interdisciplinar permite pensar a dignidade menstrual de forma mais ampla e democrática.

Diante desse cenário, desenvolvemos a pesquisa “Menstruação e Antropologia, multiplicando saberes para alcançar a dignidade”, iniciada no início de 2023 no Laboratório de Estudos Socioantropológicos sobre Tecnologias da Vida (LABIRINTO - Labjor/UNICAMP), sob coordenação da professora Daniela Tonelli Manica. A pesquisa, vinculada ao Programa de Iniciação Científica - Ensino Médio (PIBIC-EM), no período de setembro de 2022 a agosto de 2023, e em parceria com o projeto “Olhos no Futuro” (Costa et al., no prelo). Na pesquisa, buscamos responder à pergunta: como os saberes antropológicos produzidos no contexto acadêmico podem colaborar com a dignidade menstrual, especialmente entre jovens? Utilizamos métodos qualitativos, como a etnografia audiovisual, para criar um experimento em divulgação científica e cultural (Costa e Costa, 2023)¹. Este relato de pesquisa descreve uma experiência de pesquisa-ação sobre o tema da menstruação, partindo da antropologia para desenhar e analisar

1 Uma versão prévia deste relato de pesquisa foi apresentada na IV Reunião de Antropologia do Mercosul, em 2023.

estratégias de trabalho sobre o tema junto a adolescentes.

Discussão metodológica

Partindo de um pressuposto teórico-feminista decolonial, com foco nas necessidades do sul global, nossa prática de pesquisa buscou valorizar a convergência de saberes entre pesquisadoras, independentemente de sua formação ou estágio de pesquisa (Haraway, 1995). Assim, tencionamos hierarquias rígidas e autoritárias nos campos profissional e metodológico, priorizando o respeito às necessidades menstruais de cada participante, já que nosso grupo era composto por mulheres e pessoas dissidentes de gênero. Seria incoerente promover a dignidade menstrual sem aplicá-la em nossas relações de trabalho.

Nossa equipe, formada por nove pesquisadoras em diferentes estágios de vida e de formação², incluindo três bolsistas de iniciação do ensino médio, permitiu refletir sobre a relação do corpo com a menstruação em práticas cotidianas, de trabalho e pesquisa. Tornou-se impossível pesquisar menstruação sem situar continuamente nossas biografias como agentes do campo (Peirano, 1992). Desde o início, percebemos que, para sensibilizar nossas interlocutoras, precisávamos permitir que nossos corpos fossem afetados, mobilizados e transformados pela pesquisa (Favret-Saada, 2005).

Sabíamos que o cenário escolar exigiria cuidado ao abordar a menstruação, um tema historicamente silenciado e constrangedor. Além disso, ao trabalhar com adolescentes em potencial vulnerabilidade social, econômica ou afetiva, era essencial construir uma relação de confiança, evitando qualquer sensação de invasão de privacidade. Nosso objetivo era oferecer uma perspectiva crítica sobre a menstruação, indo além do conhecimento biológico e ajudando as adolescentes a identificar suas necessidades e carências menstruais.

Nosso propósito era testar como os saberes antropológicos sobre menstruação, ao transcender os muros acadêmicos, poderiam ampliar horizontes de consciência e ação, incentivando as adolescentes a transformar seus contextos sociais. Assim, nossa pesquisa se configurou como um diálogo interdisciplinar entre antropologia, pedagogia e artes, adaptando-se às necessidades do campo, que incluía não apenas a escola, mas também nosso laboratório e o coletivo de pesquisadoras.

2 Para realizar esta pesquisa, contamos com o trabalho de três bolsistas de iniciação científica do Ensino Médio: Luna Beatriz, Rayssa Baptista Parros e Thaís Bezerra Novais, todas estudantes de escolas públicas estaduais em Campinas. A equipe também foi composta pela professora Daniela Tonelli Manica (LABJOR-UNICAMP), coordenadora do projeto e referência em pesquisas sobre antropologia, menstruação e ciência no Brasil; Clarissa Reche Nunes da Costa, doutora em Ciências Sociais (IFCH-UNICAMP); Naedja Cristiane Vieira Costa, doutoranda em Ciências Sociais (IFCH-UNICAMP); e as graduandas em Ciências Sociais (IFCH-UNICAMP) Michelle Perez dos Santos, Kaynara Tawka e Bárbara Valadão da Cruz.

Para abordar um campo tão heterogêneo, escolhemos a etnografia como metodologia principal, aliada à pesquisa-ação. A etnografia, método central na antropologia, baseia-se na vivência do pesquisador no campo, permitindo surpreender-se com o que há de mais comum no cotidiano. Ao nos abirmos ao estranhamento, tornamo-nos agentes das etnografias simultaneamente investigadoras e “nativas” (Peirano, 2014). A experiência da menstruação ganhou novos contornos, abrindo-se a possibilidades transformadoras alinhadas aos objetivos da pesquisa.

Inspiradas pela pesquisa-ação, buscamos promover ações participativas através da colaboração e aprendizagem entre escola e pesquisadoras. De acordo com Malmann (2015) a pesquisa-ação institui-se em uma metodologia ativa que promove uma “espiral cíclica ascendente de ação-reflexão-ação” estruturada nos pilares do “planejamento, ação, observação e reflexão”. Decidimos utilizar esse método por ele ajustar-se perfeitamente às necessidades de intervenção que o campo de pesquisa etnográfica propunha. Embora a natureza da pesquisa não permitisse um acompanhamento profundo nas escolas após as atividades, aproveitamos a ebulição de ideias e observações para propor, realizar e avaliar atividades, visando um experimento em divulgação científica e cultural.

As metodologias escolhidas nos permitiram criar diálogos amigáveis sobre menstruação na escola e na sociedade, buscando superar tabus e mitos. Assim, iniciamos a pesquisa com atividades com as pesquisadoras de ensino médio, seguidas por oficinas em uma escola estadual de Campinas (SP), e finalizando a pesquisa com a produção de uma série de podcast para registrar as observações. Durante a pesquisa, utilizamos cadernos de campo pessoais e produzimos materiais audiovisuais, como áudios, fotografias e vídeos, além de materiais gráficos que serviram de suporte às atividades. Estes materiais foram analisados para a produção do podcast, mas também para produção de relatórios, apresentações em congressos, capítulo de livro e relato de pesquisa. Essa abordagem nos ajudou a construir um espaço de reflexão e ação, onde a menstruação pôde ser discutida de forma crítica e transformadora.

Desenvolvimento

Nesta seção, serão apresentadas as principais atividades desenvolvidas durante o projeto. A primeira delas foi a realização de fichamentos artísticos a partir de leituras coletivas sobre a temática da menstruação, promovendo diálogos e reflexões entre as bolsistas do PIBIC-EM. Em seguida, descreveremos as práticas antropológicas realizadas, como entrevistas no Dia Internacional da Mulher, que abordaram emoções e silenciamentos em torno da menstruação, além da criação de “mensagens menstruais” com QR-CODEs

que direcionavam para o acesso online das produções artísticas das bolsistas. Também será detalhada a experiência na Escola Estadual Telêmaco Paioli Melges, onde foram realizadas oficinas sobre dignidade menstrual, mapeando conhecimentos e promovendo diálogos sobre o tema. Por fim, será discutida a produção do podcast “De Lua em Lua”, que busca ampliar as discussões sobre menstruação em diversos contextos sociais, culturais e políticos, com o objetivo de promover reflexões e mudanças de postura em relação à dignidade menstrual.

Fichamentos Artísticos



Figura 1. Colagem digital.

Fonte: Thais Bezerra Novais.

Iniciamos nossos trabalhos recebendo as bolsistas PIBIC-EM em nosso laboratório, localizado no Laboratório de Estudos Avançados em Jornalismo (LABJOR) da UNICAMP. Nosso primeiro passo foi realizar leituras coletivas de artigos acadêmicos sobre a temática da menstruação na contemporaneidade. Sabendo que apresentar tais textos a estudantes do Ensino Médio seria um desafio, dedicamos tempo e estratégias para facilitar o processo.

Propusemos a criação de dois produtos a partir das leituras: um “fichamento comum”, seguindo o modelo acadêmico, e um “fichamento artístico”, que permitia liberdade criativa para expressar as percepções das bolsistas sobre os textos.

Cientes de que a experiência da menstruação muitas vezes é difícil de expressar verbalmente (Mckechnie, 2004), optamos por experimentar linguagens artísticas como forma de provocar diálogos. Essa abordagem mostrou-se eficaz e foi mantida ao longo da pesquisa. Durante as leituras e produções, incentivamos as bolsistas a relacionar os textos com suas experiências escolares e sociais, promovendo um aprendizado antropológico baseado no estranhamento do cotidiano (Peirano, 2014).

Para nossa alegre surpresa, as bolsistas demonstraram grande interesse e facilidade ao lidar com os textos acadêmicos. As produções artísticas resultantes, que incluíam poemas, colagens, artes digitais e uma música com clipe, foram compiladas em um blog³. Essas obras refletiram uma consciência coletiva sobre a possibilidade de expressar experiências menstruais, marcadas por alegria, esperança e um ímpeto político feminista. Esse “vazamento” de uma perspectiva feminista nas produções das bolsistas revelou não apenas a influência das pesquisadoras acadêmicas, mas também o contexto geracional das adolescentes, no qual ideias feministas circulam com maior fluidez.

Essa experiência nos ofereceu um primeiro rascunho de resposta à nossa pergunta de pesquisa: “Como os saberes antropológicos produzidos no contexto acadêmico podem colaborar com a dignidade menstrual, especialmente entre jovens?”. A resposta parece estar na capacidade desses saberes em transcender os muros acadêmicos, inspirando transformações políticas e pessoais.

3 Saiba mais em: <https://www.labirinto.labjor.unicamp.br/menstruacao-e-antropologia-multiplicando-possibilidades-para-alcancar-dignidade/>. Acesso em: fev. 2025.

Mensagens Menstruais

Figura 2. Luna, Thaís e Rayssa entrevistando pessoas sobre o tema da menstruação.

Fonte: fotografia de Naedja Cristiane Vieira Costa

Após as leituras e reflexões, partimos para a prática antropológica. No dia 8 de março de 2023, Dia Internacional da Mulher, as bolsistas - PIBIC/EM - realizaram entrevistas nos pátios da Unicamp, abordando pessoas de diferentes perfis, como intercambistas, mulheres de movimentos sociais, homens, universitárias e funcionárias da universidade. Ao todo, 15 pessoas foram entrevistadas.

As perguntas elaboradas buscaram abordar as emoções e silenciamentos em torno da menstruação: “O que você sente quando escuta a palavra menstruação?”; “O que vocêalaria para sua menstruação se pudesse?”; “Tem algo que você gostaria de ter sabido antes de menstruar?”. Essas questões visavam promover uma reflexão sobre dignidade menstrual, entendida como um processo que envolve conhecimento e autoconhecimento.

As respostas à pergunta “O que vocêalaria para sua menstruação se pudesse?” revelaram uma diversidade de relações com a menstruação, desde gratidão até desconforto. Algumas respostas incluíram: “Obrigada, porque também significa vida”; “Pediria desculpas por não descansar nos momentos em que meu corpo precisa”; e “Por que tem que ser tão doloroso?”.

Como agradecimento, cada participante recebeu uma “mensagem menstrual” com um QR-CODE que dava acesso aos poemas e músicas criadas pelas bolsistas. A experiência de abordar publicamente pessoas sobre um tema tão delicado foi desafiadora, mas

também enriquecedora. Após as entrevistas, tabulamos as respostas em uma planilha. As bolsistas perceberam que trabalhar com menstruação envolve lidar com uma ampla gama de emoções e experiências, tanto de quem menstrua quanto de quem não menstrua.

Essa prática de escuta e diálogo reforçou a ideia de que os saberes antropológicos podem ampliar e diversificar a noção de dignidade menstrual, oferecendo novas perspectivas e ferramentas para abordar o tema de forma mais inclusiva e reflexiva.

A escola Telêmaco

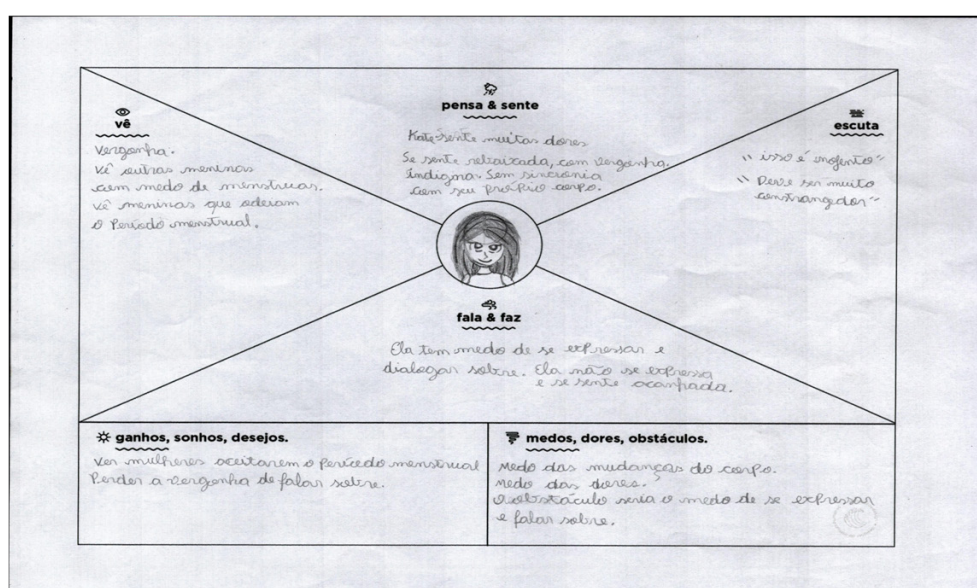


Figura 3. Mapa de empatia realizado na primeira oficina.

Fonte: elaboração própria.

Após a avaliação da experiência de campo no dia das mulheres, começamos a desenhar uma oficina para ser oferecida para adolescentes em escolas. Nossa participação na Escola Estadual Telêmaco Paioli Melges aconteceu através de uma parceria realizada com o projeto Olhos no Futuro, organizado pela Faculdade de Engenharia Elétrica e de Computação/Unicamp, que desenvolve, na escola, projetos educacionais voltados para os Objetivos do Desenvolvimento Sustentável 2030. Nosso projeto PIBIC-EM ajustava-se às necessidades da escola ao buscar promover conhecimento sobre dignidade menstrual através da antropologia para as estudantes. A escola fica em uma região periférica de vulnerabilidade socioeconômica, na região leste de Campinas, e atende aproximadamente 750 estudantes distribuídos entre ensino fundamental 2 em tempo integral e ensino médio noturno. Ela está inclusa no projeto de distribuição de absorventes organizado pelo governo do Estado de São Paulo.

No primeiro planejamento, havíamos pensado em realizar oito encontros às segundas e quartas-feiras ao longo do mês de março de 2023. Entretanto, a escola nos trouxe a contraproposta de apenas três encontros com a justificativa de prejuízo à grade escolar das estudantes. Esses encontros nos permitiram perceber brevemente as lacunas não só com relação à gestão da menstruação na escola com as estudantes, mas também a nossa necessidade de melhorar nossas estratégias de participação no campo. Essas oficinas aconteceram durante os horários das 14h às 15:45h distribuídas ao longo de três quartas-feiras do mês de março de 2023 e realizou-se com 20 alunas do ensino fundamental 2 dos 8º e 9º anos na faixa etária entre 12 e 16 anos. A frequência em sala de aula foi em torno de 16 alunas.

Abaixo, compilamos as atividades que realizamos em cada oficina:

Oficina	Tema	Atividades	Objetivos
1) 01/03/23 Boas vindas e Mapa de Empatia	Mapa de Empatia	Criar um personagem que apresenta questões sobre a menstruação a partir de suas experiências de vida.	Mapear os conhecimentos das alunas e da escola sobre menstruação
2) 15/03/23 Antropologia e menstruação	A menstruação a partir de diversificados temas sociais: menstruação e religiosidade africana, transexualidade, menstruação na escola, menstruação e saberes indígenas, e menstruação com mulheres encarceradas	Dialogar em grupos sobre os temas levantados e a elaboração de desenhos e frases sobre o que elas entenderam.	Dialogar sobre verdades e mitos a respeito da menstruação em busca de conhecimento sobre o que significa dignidade menstrual.
3) 29/03/23 Antropologia e menstruação	“Como foi sua primeira menstruação?”	Aplicação de um questionário sócio- econômico e roda de conversa sobre experiências com a menstruação.	Permitir que elas encontrassem conforto para falar publicamente e em sala de aula sobre suas experiências com a menstruação. Saber sobre seus acessos materiais a produtos para menstruação.

Quadro 1. Oficinas ministradas.

Fonte: elaboração própria.

Observamos que as oficinas na escola promoveram resultado duplo, onde as atividades realizadas fizeram emergir falas sobre experiências pessoais relacionadas à menstruação tanto nas bolsistas do PIBIC-EM, quanto nas estudantes da escola Telêmaco, revelando marcas profundas de situações traumáticas. Sentimentos de medo e vergonha foram expressos, como menstruar na escola e manchar roupas ou cadeiras, ou ter que pedir absorventes a funcionários homens, além de enfrentar ridicularizações de meninos que associam a menstruação a algo “nojento” ou “sujo”.

A raiva também foi um sentimento frequente, muitas vezes associado à falta de acolhimento durante a menstruação ou nos dias que a antecedem, quando mudanças de humor são mal interpretadas. Essa raiva, em muitos casos, era direcionada ao próprio corpo, acompanhada de angústia por não entender por que a menstruação existe, sendo vista como um fardo. Ouvimos relatos de meninas de 13 a 14 anos desejando retirar o útero para não menstruar mais.

Conversar sobre menstruação também se mostrou um veículo para que as meninas expressassem dúvidas ou curiosidades sobre sexualidade, um tema que emergiu naturalmente, mesmo sem ser abordado diretamente. Isso demonstrou que as atividades criaram um ambiente seguro para elas compartilharem questões muitas vezes silenciadas em casa ou na escola.

Podcast De Lua em Lua

Figura 4. Arte de capa da série podcast De Lua em Lua.

Fonte: Clarissa Reche e Bárbara da Cruz.

Quando iniciamos a pesquisa, tínhamos o desejo de abordar questões para além dos sentimentos negativos que a menstruação evoca, mas o campo insistiu em trazer isso para nós, e ficamos pensando sobre o que podíamos fazer com isso. Ainda em 2023, finalizadas as oficinas na escola, nós começamos a produzir uma série de podcast em parceria com o podcast de antropologia Mundaréu⁴. Desenhamos um percurso de sete episódios, cada um passando por um sentimento relacionado com as experiências

4 Daniela Manica, coordenadora do Labirinto e da pesquisa aqui apresentada, também é coordenadora do podcast de antropologia Mundaréu, que desde 2019 já produziu diversas temporadas e séries. Clarissa Reche também integra a equipe do Mundaréu. O Mundaréu é um podcast dedicado à divulgação científica da Antropologia, com enfoque sobre temáticas feministas e antirracistas. De Lua em Lua foi produzida como uma série temática do podcast, distribuída em seu feed e divulgada em suas redes sociais. Saiba mais em: <https://mundareu.labjor.unicamp.br/>. Acesso em: 02 de jun. de 2024.

compartilhadas de menstruação na escola (De Lua em Lua, 2024). Depois, as bolsistas de PIBIC-EM realizaram entrevistas com a comunidade escolar campineira (estudantes, professores e trabalhadoras), com pessoas representantes de “menstruações diversas”, e com especialistas acadêmicas. A partir da análise das entrevistas, elaboramos os roteiros dos episódios, mesclando diferentes relatos com propostas práticas voltadas à comunidade escolar. Também produzimos a trilha sonora e o desenho que ilustra a série.

Já em 2024, após a conclusão do projeto PIBIC-EM, realizamos a edição, o lançamento e a divulgação da série em parceria com a equipe do podcast Mundaréu (UNICAMP/UnB). A série é composta por sete episódios curtos, de sete a dez minutos cada, nomeados como “ciclos”. A trilha sonora foi produzida a partir de uma música composta por uma das bolsistas de PIBIC-EM, Luna Beatriz, em parceria com o músico do podcast Mundaréu, Gabriel Marçal.

Ao escutar o podcast⁵, é possível conhecer histórias que nos contam experiências que vão desde os vazamentos constrangedores até os renascimentos libertadores, passando por manchas, vergonhas, nojos, dores e desconfortos. Nosso objetivo foi o de reverter a mirada hegemônica, patriarcal e biomédica sobre a menstruação e enfatizar outros olhares a partir de aspectos econômicos, culturais, sociais e políticos. Também buscamos criar um espaço de escuta para as vozes que são sistematicamente silenciadas por causa da menstruação, e construir um espaço de diálogo com acolhimento e pensamento crítico a partir dos conflitos.

Desejamos criar possibilidades de reflexão e mudança de postura, discernimento e ação sobre a menstruação, inserindo-a em um contexto de dignidade e bem estar. Em um diálogo com a antropologia, apresentamos olhares sobre menstruação e dignidade menstrual de pessoas que menstruam em contextos de trabalho, escola, cárcere, situação de rua, terreiros, dissidências de gênero, comunidades indígenas, e também de pessoas que não menstruam, afinal este é um tema que diz respeito a todos nós.

Resultados

Quando a professora Daniela Manica e a coordenadora pedagógica do projeto Olhos no Futuro, Danusia Arantes, apresentaram a proposta das oficinas na escola, houve um deslumbramento diante da possibilidade de materializar diálogos saudáveis sobre dignidade menstrual com adolescentes em situação de vulnerabilidade. Acreditávamos estar preparadas para abordar o tema, mas o campo se revelou um espaço repleto de

5 A série “De Lua em Lua” pode ser escutada aqui: <https://mundareu.labjor.unicamp.br/series/de-lua-em-lua/>. Acesso em: fev. 2025.

desafios e nuances. A experiência mostrou que dialogar com adolescentes exige muito mais sensibilidade e criatividade do que havíamos imaginado.

Inicialmente, nossa intenção era propor discussões baseadas em nossa perspectiva sobre a menstruação, mas percebemos que essa abordagem estava distante da realidade vivida por elas. O fator econômico mostrou-se urgente e limitante, dificultando a vivência de outras possibilidades relacionadas à menstruação. Dentre a situação mais grave ouvimos o relato de uma menina que estava tomando anticoncepcional injetável, de três em três meses, sem nunca ter ido ao ginecologista e sem prescrição médica. Quando tentamos descobrir como ela tinha acesso aos anticoncepcionais ela não quis responder. Perguntamos por sua mãe, como estratégia de desviar o assunto e descobrir sobre sua vida familiar, então ela respondeu que não tinha mãe e morava com o pai e a madrasta, e de forma muito constrangida disse que sofria violência por parte da madrasta, mas não entrou em detalhes. Decidimos, então, não expor ainda mais seu sofrimento e mudamos de assunto. Durante as conversas, o maior desafio foi quebrar o padrão de constrangimento em torno da menstruação e seus atravessamentos. Como destacou a professora que nos acompanhou, Cleusa Felix⁶, eram muitos desafios dentro do “desafio de falar sobre dignidade menstrual”.

Além do desafio socioeconômico, havia o emocional, relacionado à transição vivida pelas adolescentes e à curiosidade sobre as transformações de seus corpos e como isso impactava suas rotinas e relações pessoais, sociais e escolares. Percebemos uma necessidade urgente das estudantes de falar sobre descobertas sexuais e preocupações com gravidez, um tema que havíamos escolhido não abordar diretamente. A presença de uma menina com síndrome de Down na sala de aula trouxe outro questionamento: como são vistas as experiências menstruais de pessoas com deficiências e quais ações afirmativas são necessárias para incluí-las?

A naturalização de violências também nos marcou profundamente. Algumas dessas violências foram narradas com dor e resignação, mas também com dúvida sobre se seriam “coisas menores”. Um exemplo foi o relato de uma estudante sobre professores homens que não permitiam que as alunas saíssem da sala para trocar absorventes, desconfiando que estivessem mentindo. Isso levantou questionamentos sobre como as escolas estão implementando a lei sobre dignidade menstrual, não apenas na distribuição de absorventes, mas na integração do tema à prática pedagógica.

6 A professora e coordenadora Raquel Honorato da Silva também esteve presente durante o planejamento e execução das oficinas.

Em outubro de 2021 o congresso nacional brasileiro instituiu a lei 14.214 do Programa de Proteção e Promoção da Saúde Menstrual⁷. Entre suas atribuições estão a distribuição de absorventes para estudantes de escolas públicas, mulheres em situação de rua, mulheres em situação de cárcere privado e mulheres internadas em unidades socioeducativas e cumprindo medidas referentes às unidades. São situações nas quais a responsabilidade sobre a distribuição de recursos públicos é do governo federal. Entretanto, a letra da lei se mostrou incipiente perante as muitas questões que observamos em campo.

Citamos assim, como outro desafio relevante de nota, a separação entre meninos e meninas durante as oficinas. Nossa proposta era inclusiva, mas a escola optou por separá-los, justificando que os meninos receberiam orientações sobre como se comportar em relação às mulheres e à menstruação em outra sala. Inicialmente, essa decisão nos causou incômodo, mas o campo revelou que, diante da sensibilidade do tema, a separação foi acertada. As alunas demonstraram timidez e dificuldade em falar abertamente sobre menstruação na presença dos meninos, principalmente por medo de ridicularização. A princípio achamos que a escola não nos apoiava, mas, ao refletir, entendemos que ela cumpriu seu papel de proteger as estudantes de possíveis constrangimentos.

Ao vivenciarmos a realidade da sala de aula, sentimos que nossa pergunta de pesquisa escorreu por entre nossos dedos. Os desafios eram tão grandes e complexos que, momentaneamente, nos sentimos paralisadas e incapazes diante das múltiplas carências e abandonos vividos na escola. No entanto, ao retornar ao laboratório e analisar os dados, concluímos que, se os saberes antropológicos sobre menstruação são permeados por posturas políticas feministas, uma pauta urgente para promover a dignidade menstrual é a luta pela inclusão da educação sexual nos currículos escolares, tratada de forma transversal e diversa.

Neste sentido, acreditamos que a produção da série de podcast "De Lua em Lua" foi uma experiência forte de ação baseada em pesquisa científica. Até o momento, realizamos algumas atividades de escuta da série, com resultados bastante positivos. A primeira delas foi no dia 28 de maio de 2024, quando estivemos na Escola Estadual Telêmaco Paioli Melges para apresentar à comunidade escolar o resultado da pesquisa, realizando uma oficina de audição junto à adolescentes. Selecionamos alguns trechos de três episódios diferentes e organizamos a sala em roda. Com uma caixa de som, realizamos uma dinâmica onde escutamos um trecho, e depois abrimos espaço para as adolescentes comentarem o que pensaram, sentiram, lembraram. Abordamos temas como a menarca, a relação dos

7 https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2019-2022/2021/lei/114214.htm Acesso em: 28/05/2025

meninos com a menstruação, e desconfortos físicos. Percebemos que a escuta de trechos dos episódios atuou como facilitadora no processo de conversa, instigando as jovens a compartilharem situações que vivenciaram principalmente na escola, mas também em casa junto à família.

Algo interessante também aconteceu neste dia: os meninos do 8º e 9º anos também receberam orientação sobre sexualidade e juventude em uma sala separada. Em março de 2023, eles haviam ficado em outra sala, com uma professora mulher. No nosso retorno, descobrimos que eles exigiram que a atividade deles fosse conduzida por professores homens. Aproveitamos, então, a oportunidade fazendo uma reunião anterior com os professores que ficaram encarregados da tarefa, para apresentar o podcast e selecionar trechos com depoimentos de homens e meninos que eles pudessem apresentar. Esta foi uma importante lição para nós: no caso de planejamentos que incluem a separação de meninas e meninos, é muito importante uma atenção para como e o que será feito com os meninos. E mesmo que a atividade com os meninos não seja conduzida diretamente por nós, é bom tentar sugerir parcerias com professores homens.

Realizamos uma segunda atividade de escuta do podcast com alunos da escola, desta vez dia 12 de novembro de 2024, na Unicamp, durante o evento Jornada Olhos no Futuro. Eram 12 estudantes, e foi a primeira vez que trabalhamos com meninos e meninas juntos. Foi uma experiência interessante. Os meninos quase não falaram. No final da oficina, pedimos para os jovens resumirem em uma palavra como tinha sido a oficina, e o único menino que falou, disse “trauma”. As meninas reagiram de um modo muito surpreendente, reafirmando que sim, trauma tem muito a ver com a menstruação, e parabenizaram o menino. Ele parecia bastante orgulhoso com essa aprovação.

Por fim, observamos, a partir de toda pesquisa realizada e das atividades de divulgação que estamos conduzindo atualmente, uma grande capacidade crítica e uma força transformadora entre as jovens, especialmente as pesquisadoras bolsistas do ensino médio. Elas demonstraram um desejo claro de mudar a situação atual, com uma ânsia por falar e agir para diminuir os sofrimentos associados à menstruação. Dificilmente encontramos falas resignadas; ao contrário, havia uma potência propositiva e transformadora.

Conclusão

Retomando nosso objetivo com esta pesquisa, o de saber se e como os saberes antropológicos produzidos em contexto acadêmico podem colaborar com a dignidade menstrual, em especial junto a jovens, apresentamos, a partir das experiências realizadas,

três pontos: 1. os saberes antropológicos podem fazer vazar para além dos muros acadêmicos o ímpeto político-feminista de transformação que inspirou e deu força às pesquisadoras para desenvolverem seus trabalhos; 2. os saberes antropológicos, a partir de sua metodologia de pesquisa, podem tornar a noção de dignidade menstrual mais ampla e diversa; 3. os saberes antropológicos podem colaborar com a elaboração de conteúdos didático-pedagógicos que deem conta de uma educação sexual transversal e diversa. Porém, hoje é urgente que sejamos capazes de, desde a universidade, nos organizarmos para enfrentar os conservadorismos que varrem os temas de sexualidade e gênero para fora do ensino básico brasileiro.

Acreditamos que a antropologia pode contribuir significativamente para a elaboração de conteúdos sobre menstruação, em parceria com disciplinas como a biologia. No entanto, a luta atual é política e exige que, desde a universidade, nos organizemos para enfrentar os conservadorismos que excluem temas de sexualidade e gênero do currículo e das agendas pedagógicas. A menstruação, como vimos, não é apenas uma questão biológica, mas uma experiência carregada de significados sociais, emocionais e políticos, e é essencial criar espaços seguros para que as jovens possam falar, agir e transformar suas realidades.

Por fim, gostaríamos de enfatizar a riqueza desta experiência de pesquisa coletiva, baseada em valores que consideramos coerentes com a ideia de uma "ciência cidadã", ou seja, uma prática de produção de conhecimento que busca, na medida do possível, horizontalizar as duras e violentas hierarquias presentes na estrutura de trabalho acadêmico, valorizando e potencializando as especificidades e conhecimentos de todas as pesquisadoras envolvidas. Trabalhar junto com bolsistas de ensino médio vem demonstrando ser uma possibilidade de romper com a rigidez da separação entre pesquisa, extensão e divulgação. Entendemos tal separação entre o que seria a pesquisa "de verdade" e as outras funções da universidade como a manutenção de uma desigualdade estrutural que reflete os classicismos, machismos e racismos que enfrentamos sociedade afora. Esse foi um caminho para que nós, a partir do trabalho acadêmico de pesquisa, pudéssemos seguir sonhando:

*Sonhamos com ruas sem nenhuma de nós sendo violentada
sonhamos com o nosso sangue sendo respeitado
mas do que sonhos, nós lutamos, pegamos nossos martelos todos os dias
para destruir
esse muro que nos cerca, nos reprime*

queremos mais do que ver uma paisagem bonita, queremos estar nela
Nosso sangue não é morte, não é nojento e asqueroso
ele é vida e renovação.

Excerto do poema “Agora eu posso falar, minha denúncia tem espaço”, de
 Thais Bezerra Novais

Referências

Costa, Clarissa Reche Nunes da; Costa, Naedja Cristiane Vieira; Santos, Michelle Perez dos; Manica, Daniela Tonelli (2025). *Da pobreza à dignidade: potencialidades dos saberes antropológicos sobre menstruação na escola*. In: Ferreira, Danusia Arantes; Ceriani, Roberta; Silva, Luiz Carlos Pereira da (orgs). *Princípio educativo e práticas extensionistas do Programa Olhos no Futuro*. Campinas: Editora Unicamp. No Prelo.

Costa, Naedja Cristiane Vieira; Costa, Clarissa Reche Nunes da. (2023) “Sonhamos com o nosso sangue sendo respeitado”: pesquisando junto com adolescentes no projeto “Menstruação e Antropologia - Multiplicando possibilidades para alcançar dignidade”. In: *IV Reunião de Antropologia do Mercosul*. Anais eletrônicos. São Paulo: Síntese Eventos, 2023. Disponível em: <https://www.ram2023.sinteseeventos.com.br/anais/trabalhos/lista?simposio=175>. Acesso em: 18 de fevereiro de 2025.

DE LUA EM LUA. Mundaréu, 22 de maio de 2024. Podcast. Disponível em: <https://mundareu.labjor.unicamp.br/series/de-lua-em-lua/>. Acesso em: 18 de fevereiro de 2025.

Favret-Saada, Jeanne. (2005) Ser afetado. *Cadernos de campo*, n. 13: 155-161.

Haraway, Donna. (1995) Saberes localizados: a questão da ciência para o feminismo e o privilégio da perspectiva parcial. *Cadernos Pagu* (5): pp. 07-41.

Joaquim, Teresa (1997). *Menina e moça: a construção social da feminilidade, séculos XVII-XIX*. Lisboa: Fim de Século.

Mallmann, Elena Maria. (2015) Pesquisa-ação educacional: preocupação temática, análise e interpretação crítico-reflexiva. *Cadernos de Pesquisa* v.45 n.155 p.76-98 jan./mar.

Manica, Daniela Tonelli. (2004) Menstruação, natureza ou cultura. *V Congresso Português de Sociologia*.

Mckechnie, Rosemary. (2004) The identification of menstrual change: working with biographies of reproduction. In: TREMAYNE, Soraya (ed.). Special issue on fertility and reproduction. Chippenham: *JASO*.

Peirano, Mariza (1992). A favor da etnografia. *Série Antropologia*. 130. Brasília.

____ Etnografia não é um método. (2014) *Horizontes Antropológicos*, Porto Alegre, ano 20, n. 42, p. 377-391, jul./dez.

Recebido em 17 de fevereiro de 2025.

Aceito em 01 de abril de 2025.

“Sonhamos com o nosso sangue sendo respeitado”: educação menstrual em contexto de extensão universitária junto com adolescentes

Resumo

Instituições voltadas aos direitos humanos têm abordado a menstruação com ações para a “dignidade menstrual”, promovendo acesso a informações e produtos menstruais. Em consonância, propomos: como os saberes antropológicos podem colaborar com a dignidade menstrual, especialmente entre jovens? Este é um relato da pesquisa “Menstruação e Antropologia - Multiplicando possibilidades para alcançar dignidade”, interdisciplinar e centrada na etnografia, que utilizou métodos da antropologia visual e da educação, como a pesquisa-ação. Como resultados, apresentamos produções de adolescentes, incluindo oficinas e o podcast “De Lua em Lua”. Destacamos a importância de experimentos que vão além da fala e da escuta em pesquisas sobre menstruação com adolescentes, revelando zonas de silenciamento e vulnerabilidade de forma cuidadosa. Também apontamos uma contradição: como pesquisadoras das humanidades, buscamos abordar a menstruação de forma não biologizante. Porém, as adolescentes demandam saber mais sobre seus corpos. Essa tensão é potente, desafiando-nos a desenvolver uma comunicação que desestabilize a separação entre natureza e cultura.

Palavras-chave: Educação Menstrual; Extensão Universitária; Adolescentes; Podcast.

“We dream of respecting our blood”: menstrual education in university extension with adolescents

Abstract

Human rights institutions have addressed menstruation through initiatives aimed at “menstrual dignity,” promoting access to information and menstrual products. In line with these concerns, we propose: how can anthropological knowledge contribute to menstrual dignity, particularly among young people? This report on the research “Menstruation and Anthropology - Multiplying Possibilities to Achieve Dignity,” an interdisciplinary study centered on ethnography, employed methods from visual anthropology and education, such as action research. As results, we present productions by adolescents, including workshops and the podcast “De Lua em Lua” (“From Moon to Moon”). We emphasize the importance of experiments that go beyond speech and listening in research on menstruation with adolescents, carefully revealing zones of silence and vulnerability. We also highlight a contradiction: while we, as researchers, aim to address menstruation from a non-biologizing perspective, adolescents demand to know more about their own bodies. This tension is potent, challenging us to develop communication that destabilizes the separation between nature and culture.

Keywords: Menstrual Education; University Extension; Adolescents; Podcast.